

Congreso Iberoamericano de Animación Sociocultural, 8.-10.10.2010

Nombre del autor: Sanna Rynnänen
Titulación académica: M.Soc.Sci (Licenciado en Ciencias Sociales)
Centro de trabajo: University of Tampere, Finlandia
Puesto que ocupa: Estudiante de pos-graduación (doctoranda)

Criminalidade e violência como contexto de educação social no Brasil

Resumen

A minha pesquisa de doutorado analisa a educação social com jovens e adolescentes no ambiente marcado pela presença de vários tipos de criminalidades e violências na cidade de Salvador, Brasil. O marco teórico da pesquisa é a vertente crítica da Pedagogia Social, com Animação Sociocultural, Educação Popular e pedagogia de Paulo Freire como referências teóricas centrais. A metodologia da pesquisa combina etnografia crítica, metodologia freireana e auto-etnografia. A pesquisa de campo foi realizada entre 2008 e 2009 e questiona, do ponto de vista sócio-pedagógico, quais são as possibilidades de promover a vida e a cidadania plena e crítica dos jovens e suas comunidades no contexto social específico, com profunda desigualdade, criminalidade e violência. As análises da pesquisa avançam em três passos inspirados pelas teorias de Freire: sócio-analítico, hermenêutico e prático. O passo sócio-analítico analisa os traços específicos do contexto social, aprofunda a visão da multiplicidade de criminalidades e violências, e aponta os efeitos profundos que estes têm na convivência social e no desenvolvimento das pessoas e comunidades. O passo hermenêutico envolve o estudo das causas reconhecidas por trás da situação atual e busca pelas utopias e horizontes do futuro. A discussão reconhece a necessidade da mudança profunda em dois níveis, micro e macro, ou seja, nas pessoas e comunidades, e nas estruturas da sociedade. O terceiro e último passo, o prático, analisa educação social no ambiente das organizações não governamentais como um exemplo de processo de construção da cidadania crítica, emancipada e de descobrimento dos caminhos para uma sociedade mais justa e igual.

Palavras-chave: violências e criminalidades, juventude, organizações não-governamentais (ONG's), Brasil

Introdução

A minha pesquisa de doutorado (2007-2010), foi inspirada em minhas experiências de trabalho voluntário no *Projeto Axé*, numa organização não-governamental (ONG) na cidade de Salvador, Brasil, entre os anos de 2004 e 2006. A convivência com jovens frequentadores dessa ONG me permitiu levantar diversos questionamentos e identificar várias questões que me pareceram ligadas a uma presença constante das formas diferentes de criminalidade e

violência na vida desses jovens e adolescentes, na periferia de Salvador. Uma das questões identificadas foi: qual o papel da educação no processo de denunciar, questionar e quebrar as estruturas da desigualdade, ou de enfrentar a criminalidade e violência extrema. Foi eventualmente a partir desta temática que comecei a estruturar em forma de pesquisa as questões de educação não-formal com jovens e adolescentes no contexto de criminalidade e violência no Brasil.

A pesquisa tem como objetivo principal *analisar quais são as possibilidades de promover a vida e a cidadania plena e crítica dos jovens e suas comunidades no contexto social específico, com profunda desigualdade, criminalidade e violência*. Os objetivos específicos podem ser enunciados como: a) compreender o que significam a desigualdade, criminalidade e violência na vida dos jovens na periferia, mais especificamente, o que é criminalidade e violência na periferia, como estão presentes na vida de jovens e adolescentes e quais são os seus efeitos; b) conhecer o que significam a vida e a cidadania plena e crítica naquele contexto social específico e quais outros horizontes a educação deveria ter; c) investigar como são os focos, as práticas e as perspectivas da educação social para serem elaborados quando o trabalho aborda a temática da marginalização, criminalidade e violência e compreender a especificidade das ONGs como atores educacionais.

O problema da pesquisa é vasto e complexo. Foi uma escolha intencional cobrar tudo isso em uma pesquisa, mesmo que seja de maneira menos detalhada. Para mim, foi importante aspirar uma panorâmica, porque assim é também a própria realidade: caracterizada por grandes totalidades e detalhes interligados. Igualmente, a ação sócio-pedagógica necessita de uma compreensão abrangente.

O marco teórico da pesquisa é a vertente crítica da pedagogia social, com animação sociocultural, educação popular e pedagogia de Paulo Freire como referências teóricas centrais. Kurki (2008) esclarece a ligação de pedagogia social e animação sociocultural na Finlândia, no meu país de origem, assim: “Para nosotros la animación basada en el cimiento de la pedagogía social, es como una metodología filosófica y crítica de pedagogía social.” (op.cit., 3-4). No Brasil, o conceito que as ONGs incluídas na pesquisa usam para se referir ao trabalho deles, é a educação social, mas a sua orientação é de que o conceito de animação sociocultural poderia também ser usado. Entendemos pedagogia social crítica e animação sociocultural como orientações que carregam fundamentos políticos e ideológicos que lhes orientam para a transformação social rumo a uma sociedade mais justa e mais igualitária.

A violência e criminalidade são aproximadas em uma maneira ampla, do ponto de vista da sua multiplicidade nas vidas dos jovens na periferia da cidade de Salvador. Como afirma

Petrus (2003): “a violência [e criminalidade – SR] não existe: em todo caso existem diferentes tipos de violência [e criminalidade – SR].” (op.cit., 66). Em outras palavras, em vez de uma violência ou criminalidade, há diferentes formas, tipos e matizes delas presentes na periferia.

O estudo é qualitativo e a metodologia da pesquisa é uma combinação entre variadas estratégias metodológicas: etnografia crítica, metodologia freireana e auto-etnografia. O ponto de partida para a definição das metodologias tem sido a noção de que a pesquisa, seja dentro de um determinado processo sócio-pedagógico ou de animação sociocultural, seja mais abrangente, deve partir da perspectiva de transformação; ela tem de superar a modalidade meramente descritiva para chegar a questionar e desenvolver a realidade analisada na pesquisa, promover e apoiar, de sua parte, a transformação da sociedade. Enquanto isso, a pesquisa crítica é sempre emancipatória e libertadora; ela parte da perspectiva de que existe algo melhor além das estruturas injustas na sociedade, e se posiciona como uma das ferramentas rumo a transformação. (ver e.g. Carspecken 1996; Kurki 2006, 35-36; Ryyänen 2009.)

A pesquisa de campo foi realizada entre 2008 e 2009 na cidade de Salvador, no Brasil. Os métodos principais utilizados para coleta de dados foram entrevistas temáticas e observação. As entrevistas da pesquisa foram realizadas em três grupos distintos: a) os jovens moradores dos bairros periféricos de Salvador com uma longa história de participação nas ONGs, b) educadores e educadoras trabalhando nas ONGs; e c) administração e coordenação das ONGs. A pesquisa de campo foi principalmente realizada em três ONGs: *Projeto Axé*, *Circo Picolino* e *Ilê Aiyê*, com entrevistas complementárias em mais cinco ONGs na cidade de Salvador. No total, a matéria principal da pesquisa consiste em 26 entrevistas e 140 páginas das minhas observações recordadas no formato de diários pessoais. Todas as ONGs incluídas na pesquisa trabalham na área de arteeducação: *Projeto Axé* nas unidades de música, artes plásticas, moda, dança e capoeira, *Circo Picolino* com circo e *Ilê Aiyê*, também um bloco de carnaval, com expressões artísticas afro-brasileiras, e.g. música percussiva e dança.

O procedimento utilizado na análise dos dados ganhou a inspiração do pensamento metodológico de Paulo Freire. A técnica desenvolvida tem dois alcances: 1) uma se baseia em três aproximações à realidade com unidade dialética – subjetividade, objetividade e mitos – (e.g. Freire 2006, 155) e 2) a outra em três ‘passos’ de mediação, sócio-analítico, hermenêutico e prático (e.g. Duque 1989, apud. Kurki 2002, 59-60) – ou investigação, tematização e problematização, como lhes chama Gadotti (1994, 22-23). São os mesmos passos que utilizamos nesse presente texto para trazer algumas considerações a partir dos resultados iniciais da pesquisa.

O primeiro passo: “sócio-analítico”

“às vezes você já pergunta assim, como é que tá, já morreu alguém hoje? Como se fosse uma coisa normal, uma formiga que você passou e lhe pisou e morreu, não faz diferença, entendeu, então, está assim, a violência está como uma chuva do inverno, em pleno inverno, que é normal acontecer” (entrevista com educadora social em Salvador, Brasil, 2009)

O primeiro passo – sócio-analítico – se baseia na idéia na qual o Freire formula assim: “eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la” (Freire, 1980, 16). Isso significa a necessidade da apreensão e a análise profunda do contexto social em questão. Analisamos os traços específicos do contexto social, aprofundamos a visão da multiplicidade de criminalidade e violência e apontamos os efeitos profundos que estes têm na convivência social e no desenvolvimento das pessoas e comunidades.

As entrevistas com jovens moradores da periferia de Salvador mostram três alcances principais de violências e criminalidades em suas vidas. (1) O primeiro são as criminalidades e as violências concretas no seu contexto social imediato que significam uma ameaça para seu bem-estar tanto físico, quanto psíquico. Como atores centrais deste tipo de violência foram identificados tráfico de drogas e polícia. (2) A segunda categoria é a violência estrutural e simbólica que se revelam na vida cotidiana, especificamente na situação dos bairros periféricos “*onde não tem nada*” (um jovem entrevistando, 2008) e nos encontros em espaços variados da cidade marcados pela presença de uma dialética perversa entre a invisibilidade e a visibilidade estigmatizada. (3) O terceiro alcance é a criminalidade presente nos grupos de referência ou até na própria atuação. Há também um quarto alcance, (4) um de resistência cujo oponentes são a criminalidade e a violência. Do ponto de vista da educação social ou animação sociocultural, os efeitos concretos destes fatores na vida de jovens e adolescentes são de interesse especial.

Os efeitos de criminalidade e violência identificados por jovens formam um espectro. Um deles é ligado à ameaça da violência que produz constantemente medos em suas vidas, por exemplo, consciência constante da possibilidade de própria morte ou de alguém conhecido; insegurança do futuro; a necessidade de estar sempre atento e alerta em relação aos lugares, situações e pessoas; e a ‘normalização’ da violência. Juntos, esses fatores têm um efeito dramático para as comunidades, a coletividade e os requisitos básicos da cooperação e a ação participativa.

“a partir de seis horas não tem mais ninguém lá [na rua], todo mundo já tá dentro de casa com a porta trancada. E lá dez hora, onze hora era comum a rua tá cheia, todo mundo jogando baralho, dominó, o menino na rua. Esses dias aí, oxi, até eu passei por medo, que até eu procuro até sair de noite para não ficar lá.” (entrevista com um jovem em Salvador, Brasil, 2008)

Baiarl (2004) se refere à situação dizendo que “o cotidiano tem sido alterado e vivido em sobressaltos” (op.cit., p. 193). Podemos completar que a comunidade e o sentido da comunidade também tem sido vivido e está vivendo em sobressaltos. Quando analisamos a situação do ponto de vista da educação social ou animação sociocultural, descobrimos que um dos requisitos básicos da atuação – coletividade e o sentido de comunidade – estão sob ameaça.

O segundo conjunto de efeitos da multiplicidade da criminalidade e violência consiste dos ataques diretos e indiretos contra o valor do ser humano e o desenvolvimento do indivíduo. A discriminação, o racismo, os estigmas e os estereótipos presentes na vida dos jovens através dos mecanismos da violência estrutural e simbólica têm um efeito profundo para o desenvolvimento da personalidade, para a auto-estima e a auto-valorização.

O terceiro conjunto dos efeitos da criminalidade e da violência está ligado à combinação da violência concreta, estrutural e simbólica representada pela polícia. A situação onde a polícia é vista como um inimigo e onde as experiências das outras instituições da sociedade, tais como a escola formal ou serviços de saúde, tampouco reforçam uma imagem da sociedade defensora da periferia, naturalmente começa-se a polarizar a visão da sociedade para os jovens. De um lado há o ‘centro’ que é ao mesmo tempo perto e distante – distante física- e simbolicamente mas ao mesmo tempo constantemente presente nas imagens desejáveis espargidas pela mídia. Por outro lado têm a ‘sociedade-por-perto’ ou a sociedade paralela que consiste no contexto social imediato dos jovens – nos bairros periféricos – e que é possivelmente comandada por tráfico de drogas.

O segundo passo: “hermenêutico”

O passo hermenêutico anuncia, ou seja, aspira a compreensão e o conhecimento crítico da realidade, especialmente das relações de poder e das estruturas de desigualdade e dominação. Ao mesmo tempo procuramos formular uma visão – uma utopia – de transformação, ou seja, um horizonte de futuro.

Nas entrevistas, três principais causas foram reconhecidas por trás da situação atual. (1) Uma delas é a desigualdade da sociedade e as hierarquias presentes na vida social. A sociedade brasileira foi reconhecida como uma sociedade altamente segregada, onde a desigualdade é em certo sentido naturalizada e onde as classes favorecidas se isolam tanto simbolicamente, quanto atrás de muros e sistemas de segurança, produzindo desencontros em vez de encontros. Hierarquias também estão presentes simbolicamente na vida dos jovens, como uma série de ‘certos’ e ‘errados’ institucionalizados e ativamente mantidos com o poder das elites.

(2) Uma outra causa reconhecida por trás da situação atual é o papel (ativo) do Estado em manter as desigualdades. Quando as desigualdades e as hierarquias se referem a indivíduos da elite, a discussão sobre o papel do Estado se refere a ‘maquinaria da elite’ que tem uma tendência de dirigir as suas contribuições mais ao uso de força do que aos investimentos sociais e educacionais. A política do Estado foi visto como uma política sistemática de opressão.

(3) Uma terceira causa reconhecida por trás da situação atual são as deficiências nas redes de apoio social, formal e informal, de jovens moradores da periferia, tais como problemas na família, falta de lazer e serviços nas próprias comunidades e desafios da escola pública.

A definição da vida e cidadania plena e crítica parte do pressuposto de que os seus requisitos não são atualmente encontrados na vida dos jovens moradores da periferia.

A cidadania plena e crítica é entendida como uma possibilidade aberta para ação e conhecimento mantendo as suas próprias diferenças e particularidades em vez de adaptar-se aos ‘corretos’ definidos de cima. Ela é entendida como uma capacidade para uma reflexão crítica do contexto social e político como uma consciência crítica da lógica das estruturas da sociedade. Cidadania plena é também um reconhecimento das possibilidades para a ação participativa, individual e coletiva.

A discussão reconhece a necessidade da mudança profunda em dois níveis, micro e macro, ou seja, nas pessoas e comunidades, e nas estruturas da sociedade. Um dos pontos de partida para os requisitos da cidadania plena se concretizarem é questionar e quebrar as hierarquias e estruturas da desigualdade da sociedade. Em vez de construir cada vez mais muros simbólicos e concretos, o caminho para a cidadania plena consiste em construir possibilidades que permitam os encontros verdadeiros e a formação de solidariedade autêntica. Um outro requisito para a cidadania plena são redes de apoio social e experiências de coletividade que reforçam a confiança no potencial do protagonismo coletivo.

O terceiro passo: “prático”

“Se todo o mundo passasse por uma banda de música, um grupo de circo, ou outro processo coletivo, o mundo, certamente, seria bem melhor, bem mais interessante” (Picolino 2004, 41)

O passo prático significa converter a visão do mundo em práxis: definir as ferramentas para a aspirada transformação acontecer. Na pesquisa analisamos a educação social no ambiente das organizações não-governamentais como um exemplo do processo de construção da cidadania crítica e emancipada – a cidadania plena – e de descobrimento dos caminhos para uma sociedade mais justa e igual.

Segundo as análises da pesquisa, algumas das perspectivas que constroem o caminho rumo a enfrentar a situação extrema de violência e criminalidade são: reconquistar ou criar os espaços que possibilitam encontros e cooperação nos bairros periféricos; criar possibilidades para encontros, cooperação e convivência na diversidade que superam os muros invisíveis entre, por exemplo, as classes sociais; reforçar as iniciativas rumo a maior cooperação entre diversos espaços educacionais, tais como escolas públicas e ONGs; e apoiar os jovens no seu desenvolvimento como atores reflexivos e críticos, criativos e livres, solidários e cooperativos, e capazes de ver as suas possibilidades e potencialidades de atuar individual e coletivamente. É esta última perspectiva que é o foco específico do trabalho das ONGs analisados na pesquisa. Se posicionam como uma contraforça à “*cultura de não*” (entrevista com educador em Salvador, Brasil, 2008), ou seja, à situação onde os direitos dos jovens são categoricamente negados. A possibilidade de sonhar e desejar é visto como um dos direitos básicos que deve ser reconquistada, individual e coletivamente.

Trabalhando no contexto social específico, com profunda desigualdade, criminalidade e violência, as ONGs têm três principais objetivos *micros*: (1) o fortalecimento da auto-estima e da auto-valorização individual e coletiva; (2) a compreensão ampla das estruturas da sociedade e os mecanismos da construção da realidade e a capacidade de questioná-los; e (3) o fortalecimento das redes sociais. A orientação do seu trabalho significa articulações para duas direções: para o trabalho diretamente com jovens e adolescentes e para as articulações com e.g. o poder público. As ONGs se posicionam como atores contra-hegemônicos, que andam de contramão e lutam contra as estruturas de desigualdade ligadas a *background* social e étnico e contra a divisão da sociedade em seres humanos e ambientes com valores diferentes. Segundo Graciani (2005) uma ‘orientação dupla’ é “a garantia de um trabalho conseqüente, com vistas mais largas a uma transformação da sociedade” (op.cit., 221).

O contexto social, político, histórico e cultural é visto como um componente fundamental nos processos de educação social: a ação se enraíza no seu contexto. No caso desta pesquisa, o enraizamento é visto como um processo múltiplo que consiste em diálogos constantes com o cotidiano e com a cultura e também com a base teórica do trabalho. A ligação profunda com o contexto social dos jovens é visto com um requisito central para as relações confidenciais entre jovens e educadore(as) a serem desenvolvidas: *“o menino precisa sentir segurança de quem tá falando com ele, e só tem essa segurança, quem já viveu pouquinho, o mínimo possível a vida desses meninos”* (entrevista com educador social em Salvador, Brasil / 2009).

As ‘ferramentas’ específicos nas ONGs analisadas na pesquisa para as temáticas serem trabalhadas com jovens são o diálogo e a arteeducação. Ambos são vistos como campos para descobrimentos individuais e coletivos. Entre as considerações sobre arteeducação, de interesse específico é o reconhecimento do seu potencial no fortalecimento de processos coletivos do ponto de vista de situações onde jovens e adolescentes de origens diferentes são ‘misturados’ dentro de um processo, assim possibilitando encontros e convivências com outras realidades – misturas de riquezas de dois mundos – que a sociedade segregada não possibilita (Picolino 2004, 51).

Considerações finais

O texto tem tido como objetivo trazer algumas considerações iniciais da minha pesquisa, de uma maneira geral e em forma de mosaico. Na pesquisa procuramos quais são as possibilidades de promover a vida e a cidadania plena e crítica dos jovens e suas comunidades no contexto social específico, com profunda desigualdade, criminalidades e violências. Do ponto de vista sócio-pedagógico, o questionamento pode ser dividido em dois temas específicos. Um trata o cotidiano como um espaço educativo e o outro os processos educativos intencionais, formais ou – como no caso de presente pesquisa – não-formais. Os dois são essencialmente interligados, ou seja, os processos sociais que acontecem no cotidiano são presentes nos processos de educação social e vice versa. Por esta razão, trazemos as considerações sobre o contexto social no presente texto.

Os efeitos de criminalidade e violência identificados nas entrevistas com jovens e adolescentes – coletividade sob ameaça; ataques diretos e indiretos contra o seu valor como ser humano; polarização da visão de sociedade – têm efeitos profundos para as suas vidas. Além disso, estes efeitos atuam como uma contraforça aos processos de animação sociocultural e aos seus requisitos principais. Assim, trabalhar num contexto social com profunda desigualdade, criminalidade e violência significa questões específicas do ponto de

vista ontológica. Entendemos o indivíduo na sua singularidade e especificidade, cuja especificidade chega à sua plenitude nas relações sociais, junto com outros indivíduos, na convivência e na ação participativa. Mas o que acontece quando a convivência e a ação participativa tanto como a especificidade do indivíduo estão sob a ameaça?

A animação sociocultural com os seus processos de fortalecimento da ação participativa e os seus requisitos básicos chega a ser essencial.

”Sonho que se sonha só é apenas sonho. Sonho que se sonha junto é realidade.” (Raul Seixas, ref. Alves 2008, 18-19).

Referências

ALVES, Rubem (2008 [2004]): Aprendiz de mim. Um bairro que virou escola. Campinas, SP: Papirus.

BAIERL, Luzia Fátima (2004): Medo social. Da violência visível ao invisível da violência. São Paulo: Cortez Editora.

CARSPECKEN, Phil Francis (1996): Critical Ethnography in Educational Research. A Theoretical and Practical Guide. New York: Routledge.

CASTEL, R. (2007 [1997]): “As armadilhas da exclusão. Desigualdade e a questão social.” Em Castel, R; Wanderley, L.E; Belfiore-Wanderley, M. Desigualdade e a questão social. São Paulo: EDUC.

FREIRE, Paulo (1980): Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes.

FREIRE, Paulo (2006 [1976]): Ação cultural para a liberdade e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra.

GADOTTI, Moacir (1994): Reading Paulo Freire. His Life and Work. New York: State University of New York Press.

GRACIANI, Maria Stela (2005): Pedagogia social de rua. Análise e sistematização de uma experiência vivida. São Paulo: Cortez Editora.

KURKI, Leena (2002): Persoona ja yhteisö. Personalistinen sosiaalipedagogiikka. Jyväskylä: SoPhi.

KURKI, Leena. (2006 [2000]): Sosiokulttuurinen innostaminen. Tampere: Vastapaino.

KURKI, Leena (2008): “El campo ”interdisciplinario” de pedagogía social y animación sociocultural en Finlandia”. Quaderns d'Animació i Educació Social <http://quadernsanimacio.net>; nº 8; JULIO de 2008; ISSN 1698-4044.

MACEDO, Marle (2000): “O cenário da exclusão social – uma tentativa de reconstrução.” Em Bianchi, Ana (org.) Plantando Axé. Uma proposta pedagógica. São Paulo: Cortez Editora.

PETRUS, Antoni (2004): “Novos âmbitos em educação social” em ROMANS, Merce et al. Profissão: educador social. São Paulo: Artmed Editora, p. 51-111.

PICOLINO (2004): Almanaque Picolino. 18 anos de circo e arteeducação revolucionária. Salvador: Associação Picolino de Artes do Circo.

RYYNÄNEN, Sanna (2009): “Pesquisador no campo de Pedagogia Social: reflexões preliminares sobre o processo de pesquisa”. Quaderns d'Animació i Educació Social <http://quadernsanimacio.net>; nº 10; julio de 2009.